

Cenário Econômico Janeiro/2021

Após um final de ano positivo para os mercados, a alegria em torno das vacinas deu lugar a um agravamento significativo da 2ª onda da covid-19 na Europa e nos EUA. Novas cepas mais contagiosas fizeram o número de casos explodir em alguns países, ultrapassando em muito o pico da 1ª onda, enquanto o número de óbitos, por mais que a letalidade seja menor desta vez, atingiu os mesmos patamares da 1ª onda.

O início da vacinação em dezembro em diversos países, que simbolizou a esperança do fim da pandemia, na realidade tem se mostrado demasiadamente lenta. Embora em alguns países a vacinação já esteja adiantada, o ritmo nos EUA e Europa indica que o processo levará o ano todo. Com isso, aumentou-se às incertezas quanto à velocidade da recuperação econômica e necessidade de novas medidas de estímulo. Os novos pacotes de estímulos fiscais são uma promessa no novo governo de Joe Biden, que com maioria tanto na Câmara quanto no Senado ganhou credibilidade. Tal fato leva também ao receio da volta da inflação, cujos sinais são percebidos na curva de juros nos EUA.

A visão dos analistas continua sendo de um mundo com grande ociosidade da capacidade instalada, o que permitirá a retomada do crescimento econômico e do emprego sem pressionar a inflação.

No Brasil, a piora dos indicadores da pandemia fez voltar as manifestações a favor de uma renovação do auxílio emergencial. O temor dos investidores é se esta renovação respeitaria a regra do teto de gastos. Uma extensão por fora do teto precisaria vir acompanhada de alguma promessa crível de ajuste das contas no futuro, o que é muito difícil. O governo tem negado esta possibilidade, mas a pressão tem aumentado, e a probabilidade de uma solução populista tem ganhado força.

Em relação à inflação, apesar de os números divulgados em janeiro terem vindo em linha com as expectativas, a persistência dos efeitos dos choques como nos alimentos começou a incomodar o mercado. Com isso, o Banco Central sinalizou a intenção de iniciar o processo de normalização da política monetária, o que deve levar a aumentos da Selic nos próximos meses. Nesse contexto o Real desvalorizou-se 5,1% em janeiro em relação ao dólar, sendo novamente a pior moeda global. A bolsa de valores também passou por desvalorização e o IBrX fechou em queda de 3,0%.

Nesse cenário, todos os Perfis da Previ foram impactados, com o Conservador mantendo rentabilidade positiva. Apesar do momento de estresse, a expectativa continua positiva, com o controle da pandemia e retomada do crescimento do emprego e renda, com grande atenção para o desdobramento das necessárias reformas administrativas e fiscal.